Master Negative
Storage Number

OCI00048.23

Horriveis crimes commettidos por Manuel Mil-homens

Lisboa

[188-?]

Reel: 48 Title: 23

BIBLIOGRAPHIC RECORD TARGET
PRESERVATION OFFICE
CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

RLG GREAT COLLECTIONS
MICROFILMING PROJECT, PHASE IV
JOHN G. WHITE CHAPBOOK COLLECTION
Master Negative Storage Number: OCl00048.23

Title : Horriveis crimes commettidos por Manuel Mil-homens, celebre assassino da Beira, que matou a esposa e seus filhos, com espantosa barbaridade.
Imprint : Lisboa : [s.n., 188-?]
Format : 8 p. ; 16 cm.
Note : Cover title.
Note : In verse.
Note : Title vignette (woodcut).
Subject : Chapbooks, Portuguese.

MICROFILMED BY
PRESERVATION RESOURCES (BETHLEHEM, PA)
On behalf of the
Preservation Office, Cleveland Public Library
Cleveland, Ohio, USA
Film Size: 35mm microfilm
Image Placement: IIB
Reduction Ratio: 8:1
Date filming began: 9/29/94
Camera Operator: AR

BIBLIOTHECA DO POVO

HORRIVEIS CRIMES

COMMETTIDOS POR

MANUEL MIL-HOMENS

Celebre assassino da Beira, que matou a esposa e seus filhos, com espantosa barbaridade



LISBOA

Vende-se nas livrarias, tabacarias e kiosques, para revender rua da Vinha, 53, loja

D'uma historia verdadeira
Mas que causa admiração
Á gente cá d'esta terra
Vou fazer a narração.

N'este mundo habitam feras
Cujo arrojo causa horror
Que fazem crimes horriveis
Por não crerem no Senhor.

D'uma d'estas entidades
Conto a historia infernal
É a de Manuel Mil-Homens
Lá da Beira, natural.

Toda a gente o conhecia
Como um perverso e malvado
Por isso n'aquella terra
Por ninguem era estimado.

Andava em continua guerra
Com alguns amigos seus
No pae e na mãe batia
E renegava o seu Deus.

Muitas vezes a maldade
O levou para a prisão
Mas sempre o vil encontrava
Quem lhe désse protecção.

E por muito que soffreu
Quando a justiça o pilhou
O desgraçado *Mil-Homens*
Nunca, nunca se emendou.

Viu um dia uma menina
Com um rosto seductor
Ao vel-a, aquelle bandido,
Jurou-lhe um eterno amor.

Elle era perfeito moço
Tão bello como um francez
Ninguem que o visse diria
Ter tamanha malvadez.

Emilia Rosa, coitada
Se deixou ali prender
E logo jurou com ancia
Ser-lhe firme até morrer.

Mil juramentos trocaram
D'um amor, amor sem fim
Ha tantas paixões funestas
Que nascem bellas assim!

Nas suas doces palavras
Encontrava ella a ventura
E já sonhava contente
Doce alegria futura.

Chegou emfim certo dia
Dia bem triste e fatal
Mil-Homens e Emilia Roza
Se casavam, por seu mal.

Desde logo a pobresinha
Tremendo comprehendeu
Que tinha dado um passo
Casando c'um *phariseu.*

Umas vezes a abraçava
Outras a deixava só
E ás vezes embriagado
A espancava sem dó.

A infeliz Emilia Rosa
Estava sempre a soluçar
Seu destino maldizendo
E a hora em que foi casar.

Ás vezes o vil marido
Junto com mais dois ou trez
Sahia sem deixar nada
Voltava passado um mez.

Era uma triste existencia
Que a bastantes fez chorar
Pelo destino horroroso
Que Deus lhe quiz preparar.

O *Mil-Homens* já achára
E muito pouco distante
Outra mulher que o amava
Uma verdadeira amante.

Passaram-se muitos annos
Viu-se a pobre mulher
De dez filhos rodeada
Sem lhes dar nada a comer.

O mais velho apenas tinha
Os seus onze annos de idade
E para a mãe e para os irmãos
Mendigava a caridade.

Um dia o Manuel *Mil-Homens*
Chegou a casa já tarde
Trazia o olhar soturno
Que é a arma de um covarde.

Disse á mulher com mau modo
Que queria ali que ceiar
Comeu do pouco que havia
E depois foi-se deitar.

A mulher não suspeitava
O que depois se passou
Depois d'embalar os filhos
Com o marido se deitou.

Era já pela meia noite
Ella accorda apavorada
E pelos gritos que ouvia
Ficou ella horrorisada.

Mas coitada não podia
Ao menos um braço erguer
Estava atada de pés e mãos
O que havia de fazer.

Viu então que seu marido
Aguda faca empunhou
Chegando ao filho mais velho
No coração lh'a cravou.

N'esse instante pavoroso
E de inaudita afflicção
Quebrou ella os duros laços
E deu um pulo p'r'o chão.

Ajoelhou junto a Mil-Homens
E lhe pediu a chorar
Que não matasse os filhinhos
Que não devia matar.

«Mata-me antes, ella disse,
«Eu a morte soffrerei
«Não quero ver degolados
«Os filhinhos que eu creei.

«Hei-de matar-te (responde)
«Já que tu fostes o meu mal
«Tudo quanto tu me déste
«Tem destino fatal.

E sem lhe dizer mais nada
Ali a pizou a pés
E com a faca ensanguentada
Um a um matou os dez.

A mãe ainda vivia
Sentiu-lhe a respiração
Puxou da faca e com raiva
Cravou-lh'a no coração.

....

No outro dia na aldeia
O triste caso surgiu...
Procurou-se em vão Mil-Homens
Ninguem mais na aldeia o viu.

Onde elle pára, essa gente
Inda o não poude saber
Debalde a forte justiça
O procurou para o prender.

....

A casa em que o assassino
Mulher e filhos matou
Ninguem passa por pé d'ella
Ninguem mais ali morou.

E ás vezes á meia noite
Quem se atrever a escutar
Ouve uma voz lacrimosa
N'aquella casa a bradar:

«Que fizeste de meus filhos
«D'esse bem que Deus nos deu
«Emquanto tu não morreres
«Não entra esta alma no ceu!

E toda a gente da aldeia
Que ouve este triste bradar
Pede a Deus por aquella alma
Que anda no mundo a penar.

FIM